

Estratégias de saúde realizadas por/para mulheres negras nas Américas: revisão de escopo

Health Strategies from / for Black Women in the Americas: scope review

Clélia R. S. Prestes²

Felipe L. Fachim³,

Vera S. F. Paiva⁴

Submetido em 13 e aprovado em 15 de novembro de 2018.

Resumo: Este artigo apresenta um panorama de estratégias de promoção da saúde de mulheres negras, voltadas à potencialização de resiliência, agência, emancipação, autonomia ou empoderamento. Os dados apresentados neste artigo correspondem a parte dos resultados coletados por uma revisão sistemática de escopo, que integrou a pesquisa *Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver*, com descrição de experiências reconhecidas no campo científico. Discutimos 11 estratégias estadunidenses e 1 brasileira, apresentando seus objetivos, perspectivas teóricas, descrições, quem as realizou, perfil de participantes, método, técnicas e instrumentos, além de discutir alguns resultados e o panorama geral, em diálogo com as perspectivas teóricas da abordagem multicultural dos direitos humanos na saúde e do feminismo negro. Ao final, apontamos recomendações para agendas futuras, no sentido da atenção à interseccionalidade como método de análise e ação, produções teóricas de diversas regiões, epistemologias e cosmovisões, consideração das demandas específicas, responsabilidade ampla pela saúde das mulheres negras, valorização das experiências das mesmas, incluindo as não-acadêmicas, o feminismo negro como estratégia de enfrentamento das colonialidades de poder, diversidade na formação de equipes e fontes teóricas, ampliação das publicações de pesquisadoras(es) negras(os) e do movimento social negro e de mulheres negras, e ampliação das vozes de autoras(es) amefricanas(os).

Palavras-chave: Mulheres. Relações Raciais. Promoção de Saúde. Psicologia Social (Aspectos Psicossociais). Feminismo negro.

Abstract: This article presents an overview of strategies to promote the health of black women, aimed at enhancing resilience, agency, emancipation, autonomy or empowerment. The data presented in this article corresponds to part of the results collected by a systematic scope review, which integrated the research *Strategies to promote the health of black women: intersectionality and well being*, with description of recognized experiences in the scientific field. We discussed 11 United States and 1 Brazilian strategies, presenting their objectives, theoretical perspectives, descriptions, who performed them, profile of participants, method, techniques and instruments, discussed some results and the general perspectives, in dialogue with the theoretical perspectives of multicultural approach to human rights in health and black feminism. In the end, we point out recommendations for

future agendas, focusing attention on intersectionality as a method of analysis and action, theoretical productions of different regions, epistemologies and worldviews, considering specific demands, broad responsibility for the health of black women, valuing their experiences, including the non-academic, black feminism as strategy for confronting the colonialities of power, diversity in the formation of teams and theoretical sources, expansion of the publications from black researchers, from the black people's social movements and from black women in general, and the amplification of the voices of the african authors.

Key words: Women. Racial Relations. Health Promotion. Social Psychology (Psychosocial Aspects). Black feminism.

Quais e como são as estratégias de promoção da saúde de mulheres negras, voltadas à potencialização de resiliência, agência, emancipação, autonomia ou empoderamento? Quais as especificidades e complementaridades entre as experiências reconhecidas no campo científico e as reconhecidas no campo do movimento negro e de mulheres negras? Essas perguntas guiaram a pesquisa⁵ *Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver* (PRESTES, 2018).

Interessadas em desenvolver uma agenda para formação em abordagens voltadas à saúde que enfrentem a opressão multidimensional que afeta mulheres negras, produzimos um panorama de experiências existentes e reconhecidas, utilizando os procedimentos de descrição e avaliação. Um mesmo roteiro semiestruturado orientou uma revisão da literatura científica, foco deste artigo, e entrevistas com informantes-chave para coleta de experiências reconhecidas no movimento negro e de mulheres negras. Descrevemos a perspectiva teórica e a duração das estratégias, o tipo de intervenção e seus métodos, os(as) participantes, e consideramos o que apontavam como pontos fortes e fracos e as sugestões derivadas para novos trabalhos.

Por fim, avaliamos as especificidades e complementaridades dos conteúdos reconhecidos em ambos os campos, com base em categorias que tratavam dos referenciais e modos de fazer, dos pontos altos e do lugar das mulheres negras. A análise, assim como as definições metodológicas, foi orientada pela abordagem multicultural dos direitos humanos na saúde e pelo feminismo negro. Daí termos utilizado como referências centrais os conceitos de interseccionalidade (como método de análise e de ação) e bem viver (como cosmovisão e horizonte ético-político).

A revisão sistemática (de escopo) coletou estratégias reconhecidas por pares de diferentes campos científicos, disponíveis em oito bases de dados (ASSIA, BVS, ERIC, LILACS, MEDLINE, Psynet, Sociological Abstracts e Web of Science). Estudos preliminares e pré-testes da busca apuraram a sintaxe definitiva e o modo de fazer a revisão; a leitura e a seleção dos artigos foram, então, devidamente padronizadas, processo registrado e feito de modo pareado.

Na fórmula de busca, utilizamos termos referentes a processos que, potencializados, contribuem para a saúde de mulheres negras e que dialogam com os referenciais teóricos adotados. A sintaxe incluiu, portanto, as palavras-chave resiliência, agência, emancipação, autonomia e empoderamento, associadas aos termos mulheres e raça.

Identificamos 829 artigos, publicados entre janeiro de 2007 e janeiro de 2018. Pela leitura, selecionamos aqueles que descreviam intervenções e que, de fato, contribuíam para a potencialização de pelo menos um dos processos citados. A partir do consenso entre avaliadores, foram incluídos catorze artigos na pesquisa. Desses, doze artigos (referências na tabela 1, ao final deste texto) permitiram-nos apresentar um escopo das estratégias realizadas nas Américas, sendo onze estadunidenses e um artigo brasileiro. Estão publicados em revistas nas áreas de enfermagem, saúde pública, educação em saúde, estudos culturais e feministas, educação e psicologia social; tratam de estratégias de apoio a mulheres negras, da promoção da sua saúde, além de ações conjuntas dedicadas à cidadania e à emancipação.

Na tabela 2, apresentamos alguns conteúdos dos artigos, ou seja, seus objetivos, perspectiva teórica, descrição, realização, perfil de participantes, métodos, técnicas e instrumentos utilizados.

Tabela 2 - Objetivos, perspectiva teórica, descrição, realização, participantes, métodos, técnicas e instrumentos dos artigos

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
1 Andrews e cols.	Testar a efetividade da intervenção para parar de fumar “Sister to Sister”, de tipo comunitária entre pares entre mulheres afro-americanas vivendo em projetos de desenvolvimento habitacional e em casas subsidiadas. As Trabalhadoras Comunitárias em Saúde foram previamente capacitadas.	Perspectiva sociocognitiva de aconselhamento-comportamental: apoio social e estímulo de auto-eficácia (“você pode fazer!”). Adaptada da <i>PHS Treating tobacco dependence guideline</i> associado a ações de empoderamento cuja referência (citada) é Paulo Freire. O investimento no bem-estar é também espiritual que é definido em termos de “Estados cognitivos”	Três componentes de um modelo “colaborativo-participatório” a. 6 semanas com sessões de aconselhamento-comportamental e de empoderamento em grupo, com “booster” na 12a e na 24a semana. b. terapia de substituição da nicotina; c. contato pessoal semanal com trabalhador comunitário da saúde (TCS) para favorecer a <i>auto-eficácia</i> em parar de fumar, oferecendo apoio social e para o bem-estar espiritual, compartilhando trechos bíblicos, orações, poemas e meditações que inspiram. As TCS deveriam usar a linguagem e cultura local. A intervenção está bem detalhada. Realizada por pesquisadores acadêmicas da enfermagem e a trabalhadora comunitária da saúde (TCS) era uma mulher negra, ex-fumante e nativa na comunidade.	Mulheres afro-americanas maiores de 18 anos que fumam todos os dias e planejam parar de fumar em 6 meses, residentes na comunidade de intervenção ou na comunidade posta em comparação, ou suas amigas ou parentes. Foram excluídas as com diagnóstico de distúrbio psíquico ou quadro de angina instável / infarto do miocárdio recente, assim como as que apenas começam a considerar parar de fumar.	Desenho quase-experimental, utilizou medidas repetidas com grupo de comparação. Os dados foram coletados dos grupos de intervenção e de comparação na semana de linha de base, na 6ª semana, na 12ª semana e na 24ª semana. A abstinência do uso do cigarro foi medida através do auto-relato e validada através dos Instrumentos Bedfont (2002) EC50-Smokerlyzer (Innovative Marketing, Medford, NJ).

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
2 Bair	Descrever as teorias de Nannie Helen Burroughs (1883-1961), fundadora da <i>National Training School for Women and Girls</i> em 1909 e discutir o currículo da Educação Social na Escola	Educação Social na Escola	Criação de Rede Nacional que incluiu o ensino de história negra e o tema da não segregação, além de uma educação para a prática (“practical education”) na Escola de Capacitação para Mulheres e Meninas. (<i>Training School for Women and Girls</i>) Realizada por Nannie Helen Burroughs (1883-1961)	Mulheres jovens e negras do começo do séc XX.	A pesquisa descreve o currículo de estudos sociais e práticas pedagógicas da educação social (“ensinar e aprender como indivíduos constroem e vivenciam as relações sociais, políticas e econômicas— no passado e no presente— e as implicações em como os cidadãos são educados em uma democracia”.
3 Barlow	Construir um espaço onde mulheres negras possam encontrar alívio a partir de momentos de lucidez e inteligibilidade falando sobre amor próprio, autocuidado, saúde mental e bem-estar.	Perspectiva comunitária que utiliza o conceito de “ <i>discourse on the gaze</i> ” de bell hooks, no campo do feminismo negro: o olhar que alimenta estereótipos e reforça políticas baseadas nesses estereótipos sobre mulheres negras.	Educação de e por pares com troca de experiências e histórias pessoais sobre amor e saúde mental. Usam meio digital e os arquivos no site SOS - <i>Saving our Sisters</i> . Desenvolver o reconhecimento dos estressores cotidianos e a resistência ao olhar estereotipado (desvalorizado, desumanizado, objetificado) para adotar <i>um olhar de resistência e de oposição</i> para “construirmo-nos como sujeitos da nossa vida cotidiana”. Os depoimentos resultantes de perguntas do grupo focal foram incluídos na website que serviu de espaço de disseminação para essas narrativas. As histórias sobre saúde mental e bem-estar fazem parte de uma ampla campanha de mídia onde mulheres negras são o centro. Realizada por psicólogas comunitárias e outras agentes de saúde com experiência em estudos de gênero	Mulheres negras	Ensaio crítico descritivo da experiência de produzir as narrativas digitais e pessoais de mulheres negras, produzidas inicialmente em 5 grupos focais, acompanhado de plano de aulas que permite professoras determinar como desenvolver estratégias nessa mesma direção. As perguntas respondidas foram: 1. Quando você se apaixonou por você mesma? 2. O que significa felicidade para você? 3. Como a sua experiência como mulher negra afeta sua saúde, especificamente sua saúde mental e bem-estar? 4. Como você pode se respeitar hoje, e todos os dias? Gravados em áudio-tape e vídeo digital.

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
4 Cooper e cols.	<p>Determinar a efetividade de programa TEACH —<i>Transforming, Empowering, and Affecting Congregation Health</i> de nutrição e exercício baseada na Faith Community Nursing: <i>Scope and Standards of Practice</i> e na noção de competência cultural.</p> <p>O projeto presume que as comunidades religiosas são atravessadas por desigualdades, inclusive na experiência de saúde.</p>	<p>Oficinas baseadas no programa <i>Eat Healthy Be Active</i> (ODPHP,2014) <i>ChooseMyPlate.gov</i> e no <i>Presidential Active Lifestyle Award Program</i> entre outros do Departamento Federal de Agricultura, de perspectiva sociocognitiva e que integra “promoção da saúde baseada na comunidade de fé (em torno das Igrejas), considerando necessidades individuais e espirituais</p>	<p>Detalhada intervenção de “intervenção para a saúde culturalmente adaptada” que consiste de encontros 2 vezes por semana por 1 hora com mulheres negras significadas como “população alvo”:</p> <p>1o encontro para exercícios (dança Africana, de salão e ou swing dance, ou yoga, ou cardio e aeróbicos). São encorajadas a fazer mais 90 minutos de exercício em casa.</p> <p>2o encontro capacitação para mudar estilo de vida e aprender cardápios a baixo custo e saudáveis.</p> <p>Realizada por enfermeiras de saúde pública na comunidade e educadores em saúde, além de voluntários na comunidade religiosa</p>	Mulheres negras obesas e frequentadoras de uma comunidade religiosa	<p>Medidas colhidas antes e depois da intervenção:</p> <p>Pesagem, medidas de circunferência (do pescoço, cintura, quadril), peso e massa corporal.</p> <p>Preocupa-se com indicadores de “sustentabilidade” do projeto, o que é raro nessa perspectiva.</p>

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
5 De Marco e cols.	Descrever a história de dez anos de projeto cujo desafio é ser sensível a abordagem de gênero, ser culturalmente relevante e conveniente. Usar uma pesquisa-participatória de base comunitária com pessoas de baixa renda.	A “Teoria do Silenciamento do Self” é uma abordagem de gênero, fruto de estudo longitudinal com mulheres com depressão, seus relacionamentos, principalmente com homens – sobre como silenciam sobre pensamentos, sentimentos e as ações que gostariam de realizar para não se contrapor aos desejos de seu parceiro.	Reuniões mensais para compartilhar a preocupação com alto índice de HIV na comunidade, e aumentar a consciência de enormes desigualdades no campo da saúde. Compartilhou-se o conhecimento acumulado no grupo, as dificuldades de negociação de sexo seguro e se apresentou para a reflexão a teoria do Silenciamento do Self. Intervenção foi estruturada para escrita, conversas, produção de filmes sobre episódios biográficos e negativos, que eram então escritos. Realizada por professores universitário na área da saúde pública e da enfermagem e por pares.	Mulheres negras de baixa renda, em processo de envelhecimento, vulneráveis ou infectadas pelo HIV	Ensaio descritivo sobre o processo
6 Gist	Pergunta do artigo: como o “feminismo negro” (conceito, teoria aplicada e rede de proteção) funciona para auxiliar estudantes a entender as múltiplas formas pelas quais as mulheres negras ou pardas são marginalizadas por práticas e estruturas institucionalizadas?	Embasado fortemente na obra de Patricia Hill Collins que define uma pedagogia crítica e feminista negra, que pensa a sala de aula como espaço para transformação coletiva e pessoal, numa perspectiva emancipatória.	Intervenção em sala de aula: planejamento detalhado de aulas para produzir “consciência crítica” sobre padrões de desigualdade (de gênero, raça e econômica) utilizando a leitura de autoras negras e feministas, que permitam interpelar teorias de “sucesso individual” e sair da posição de auto-acusação pelo fracasso pessoal sem entender o contexto e reinterpretando o “mundo perigoso” da sala de aula. Permite que professores e estudantes pensem criticamente como mulheres negras estão situadas como agentes sociais na sociedade, mesmo em contextos institucionais que mantêm privilégios de certos grupos. Realizada por professoras.	Professores e estudantes em geral, dedicadas a prevenir sofrimento de mulheres negras.	Trata-se da descrição, uma narrativa ensaística sobre a fundamentação do projeto e a proposta de intervenção desenhada. Não se apresenta metodologia de pesquisa ou projeto que o estude. Mas há detalhes sobre o que deve ser a intervenção e planos de aula detalhados para atingir os objetivos.

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
7 González-Prende	Analisar os efeitos de uma intervenção de grupos de manejo da raiva de curta duração (8 sessões, presenciais) para reabilitação do abuso de álcool e/ou drogas. O estudo avaliou o impacto do tratamento no nível do traço raiva (Spielberger, 1988) das participantes e no modelo atributivo	Teoria Cognitivo-Comportamental e Teoria da Atribuição (que identifica como as pessoas atribuem sentido /causas ao comportamento dos outros. Empoderamento foi tema recorrente para ajudar as mulheres aumentar auto-determinação, auto eficácia e expandir suas oportunidades (de Zastrow & Kirst-Ashman, 2004).	Detalhada descrição de 2 tipos de aconselhamento em 8 sessões de grupo com foco no manejo da raiva. Um grupo recebeu um tratamento cognitivo-comportamental presencial de manejo da raiva. Outro grupo recebeu um tratamento de prevenção de recaída com duração de oito semanas sem o componente de manejo de raiva. Usou-se roleplaying e debate as sessões abordaram temas como: 1) identificar a influência do pensamento nas emoções; 2) identificar as idiosincrasias pessoais que aumentam sentimentos de raiva; 3) reconhecer suas crenças e outras explicações alternativas plausíveis; 4) reconhecer indicadores de que “lá vem a raiva”; 5) aumentar a responsabilidade por suas emoções e comportamentos por auto-monitoramento; 6) técnicas de relaxamento; 7) treinamento de capacidade para comunicação assertiva e resolução de conflitos. Realizado pelo autor	Predominantemente, mulheres afro-americanas, de nível socioeconômico baixo, morando preferencialmente em instalações residenciais no centro-oeste da cidade de Detroit, em reabilitação do abuso de álcool e drogas.	O desenho consiste em dois grupos aleatoriamente atribuídas em duas opções de tratamento e avaliação antes e depois do tratamento.

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
8 Nicol	Descrição de como integrei imagens de mulheres negras na mídia e na cultura a fim de auxiliar estudantes a contestar as representações limitadas, falsas e distorcidas das vidas diárias.	Teoria de Três pontas para análise cultural: produção, consumo e agência	Teoria de Três pontas para análise cultural: produção, consumo e agência	Estudantes de mestrado no curso de Estudos sobre mulheres	Ensaio escrito na 1ª pessoa do singular, como relato de experiência
9 Oliveira e cols	Compreender os efeitos da discriminação racial na identidade e subjetividade de mulheres negras atendidas no programa SOS Racismo, em Porto Alegre/RS, Brasil. Ouvir as narrativas das mulheres que sofreram atos de racismo/discriminação e agenciar outras referências identitárias.	Análise das práticas discursivas, entendidas como a forma pela quais as pessoas produzem sentidos para experiências como as da violência racial. Referencial teórico dos estudos de gênero.	A organização não-governamental (ONG) oferece atendimento jurídico contra o crime de racismo, atendimento psicossocial aos prejuízos emocionais causados pela violência da discriminação e atenção interdisciplinar para o fortalecimento da identidade racial das beneficiárias, agenciando outros modos de subjetivação. Estratégia de grupos dispositivos (processo grupal como possibilidade de transformação social), atento ao jogo de interesses e de poder no campo da pesquisa. Realizada pelas autoras, que inclui uma militante do movimento de mulheres negras.	Mulheres negras atendidas pelo Programa SOS Racismo	Desenho qualitativo e texto descritivo do material empírico das atividades de grupo de mulheres negras que denunciaram a discriminação racial no programa SOS. Três sessões de grupo de uma hora, por 3 semanas sobre: (1) relatos sobre as histórias de vida; (2) o que significa ser mulher negra nesse contexto histórico e social: por meio de fotografias das participantes do grupo e de portfólios de mulheres negras, acionou-se referências identitárias afro-brasileiras; (3) compartilhamento de narrativas de resistência, relatos de transgressões e subversões ao modelo racial hegemônico

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
10 Sheppard e cols	Testar uma intervenção por pares com mulheres negras com câncer de mama - "tratamento centrado no paciente": <i>Sisters Informing Sisters</i> O objetivo é ajudar mulheres a obter informações necessária de seus médicos para tomar decisões apropriadas a seus valores, preferências e necessidades.	Perspectiva sociocognitiva que inclui o fortalecimento da agência das mulheres.	Intervenção composta por sessões de educação por pares entre mulheres negras para a construção do perguntar e se comunicar melhor, para ter melhor habilidades de lidar com o câncer de mama: TALK: Tell your story, Ask questions, Listen actively, and Know your options (conte sua história, pergunte, escute ativamente e conheça suas opções). Reúne uma paciente recém diagnosticada de câncer de mama e uma sobrevivente capacitada para uma sessão presencial educativa sobre habilidades. Realizada pelas autoras.	Mulheres que se identificam como negras, com confirmação histológica do câncer de mama, e mais de 21 anos em qualquer estágio do câncer. Mulheres com câncer de mama recorrente ou que já tiveram outro tipo de câncer anteriormente foram excluídas, dado que a tomada de decisão se torna mais complexa para este grupo.	Após uma entrevista inicial via telefone, as mulheres passaram por uma sessão educacional presencial de suporte à decisão, conduzida por uma capacitada <i>coach</i> sobrevivente. A <i>coach</i> utilizou do guia culturalmente adaptado e modelo de tomada de decisões (TALK Back!©). Uma avaliação de processo abordou: a aceitabilidade, a satisfação com o material impresso, e o relato das mulheres sobre evolução de sua auto-eficácia na comunicação com médicos, na compreensão e decisão sobre tratamento, e se foi um tratamento centrado na cliente.
9 Oliveira e cols	Analisa uma vivência muito inovadora no abastecimento alimentício da cidade de Detroit, por agricultura urbana como uma forma de retornarem a suas raízes culturais e reivindicar seu poder, libertas das restrições impostas pela comercialização e pelo consumismo.	Mobilização, educação, defesa de políticas públicas e melhorias materiais no bairro.	Foram entrevistadas 8 mulheres (de 30 a 60 anos), que são líderes comunitárias, educadoras, funcionárias públicas do município ou desempregadas/buscan-do trabalho. Três eram fundadoras da organização, 2 trabalharam na gestão e as 3 restantes eram voluntárias muito ativas e envolvidas com atividades agrícolas. Essas camponesas se posicionam como ativistas pelo direito à segurança alimentar, por direitos dos presidiários e das suas famílias, direitos digitais e ambientais, educação comunitária e cidadã. Responsáveis: mulheres negras e ativistas	--	--

(continua)

(continuação)

Artigo	Objetivos	Perspectiva teórica	Descrição e Realização	Participantes	Métodos, técnicas e instrumentos
12 Wissman	O que podemos aprender a partir da participação das estudantes nesse curso, como são suas respostas a essa tradição na escrita e partilha de suas próprias poesias. Quais são os entendimentos de uma “Heterotopia” em um trabalho de alfabetização de jovens mulheres negras? De que forma abraçaram a oportunidade de construir e experienciar um curso eletivo embasado na tradição de mulheres afro-americanas em alfabetização? Como colocaram suas próprias experiências vividas e identidades sociais na interpretação e escrita da poesia?	Perspectivas Espaciais (Leander & Sheehy, 2004), “Outros Espaços” (Foucault, 1986), “Espaço Criativo Radical”, Tradições e Poesias de Literatura Afro-Americanas, Teoria Realista Pós-Positivista e Epistemologia Feminista Negra.	Práticas que surgiram em um curso escolar eletivo embasado na tradição afro-americanas em alfabetização de e por mulheres. Realizada pela autora e escrito na 1ª pessoa do singular	A maioria destes estudantes são mulheres negras.	A metodologia utilizada neste estudo é fundamentada na Practitioner enquiry – (metodologia de investigação pelo professor com seus alunos) e de pesquisa feminista. Um aspecto significativo desta metodologia é o de posicionar os estudantes também como criadores do conhecimento, com agência para informar e mudar o trabalho na sala de aula e na pesquisa.

Em uma revisão de literatura que buscou inspiração para intervenções futuras a partir de um escopo das já realizadas, seria de se esperar que pudéssemos ter atendido a critérios para se medir ou afirmar o sucesso das experiências; no entanto, essa avaliação foi prejudicada pelo fato de os artigos terem temáticas e metodologias muito específicas e variadas, sendo difícil, assim, comparar os trabalhos e seus resultados. Uma característica observada é que os artigos que estão na tradição feminista ou na pedagogia crítica ressaltaram as lições aprendidas; os outros destacaram o desenho rigoroso da pesquisa e recomendaram estudos randomizados e controlados cuja unidade de análise permanece sendo o indivíduo biológico-comportamental.

É possível identificar, por exemplo, resultados individuais para mazelas pontuais. Por exemplo, Andrews e cols. (2007) indicam grande sucesso, pois cerca de 30% das mulheres sustentaram o “parar de fumar”. O resultado que consideram satisfatório é explicado por medidas intermediárias e conquistas individuais, como o aumento do apoio social e da autoeficácia. Cooper e cols. (2015) observaram mudanças nas medidas das mulheres da comunidade religiosa aderidas ao projeto para emagrecer, testemunhos de realização e comprometimento com mudança, influenciados pelo apoio mútuo; para além desses sucessos, apenas ressaltam que grupos comunitários, como as igrejas, podem ser espaços para promoção da saúde individual. Sheppard e cols. (2013) observaram aumento de 70% na eficácia de comunicação entre mulheres com câncer de mama e profissionais de saúde, além de maior autoeficácia pessoal nas suas tomadas de decisão quanto ao tratamento.

Como se pode observar, a maioria dos estudos tem desenho etnográfico ou são ensaios sobre a experiência de intervenção. Muitos narram, em primeira pessoa, a experiência de algumas mulheres negras cuidando de outras. A tradição feminista negra se expressa também na escolha deste tipo de escrita, além de constar nas referências teóricas, como discute Wane (2009). As recomendações insistem na continuidade das intervenções e na atenção às especificidades dos resultados associados às particularidades do contexto e do grupo atendido. De modo geral, abrem mão de pretensões universalistas.

O artigo de Bair (2008) descreve uma experiência histórica, conduzida por Burroughs, de educação para emancipação de mulheres negras, em sintonia com

(possivelmente inspirando) muitas intervenções estadunidenses posteriores. No trabalho das autoras estadunidenses, assim como em hooks (2013), encontramos muitas intervenções educativas, pedagogias críticas e voltadas para emancipação, em projetos que intervêm ou pretendem inspirar outras intervenções voltadas para benefícios individuais, ou de determinado segmento social, ou do território onde vivem.

Já no artigo brasileiro, de Oliveira e cols. (2009), o único do Sul global encontrado na revisão, a análise multidimensional se destaca pela ambição de institucionalizar as lições aprendidas, na busca por agenciar outras referências identitárias. Inclui a dimensão programática e institucional das vulnerabilidades ao adoecimento e a necessidade de aprimorar políticas públicas e de estado, para mitigar a vulnerabilidade das mulheres negras ao sofrimento psicossocial resultante de racismo e discriminação. Essa especificidade de pensar políticas públicas e programas também apareceu fortemente nas estratégias reconhecidas no movimento negro e de mulheres negras, coletadas por entrevistas, e que não temos espaço de incluir aqui (ver Prestes, 2018).

Ayres, Paiva e França Júnior (2012) também compreendem o processo saúde-doença como multidimensional, concebendo a vulnerabilidade em suas dimensões individual, social e programática, ou seja, um processo de adoecimento estará mediado por contexto de maior ou menor vulnerabilidade baseado na trajetória individual, nas interações estruturadas socialmente, nas particularidades de cada território ou na qualidade dos programas sustentáveis de mitigação da vulnerabilidade ao adoecimento, entre outros.

A concepção de uma interconexão de fatores está presente também nos artigos com perspectiva teórica inspirada no feminismo negro, como é o caso de Bair (2008), Barlow (2016), Gist (2016), Oliveira e cols. (2009) e Wissman (2011). Um dos principais conceitos dessa perspectiva é a interseccionalidade, que, como defendem Collins (2015, 2009), Cardoso (2012) e Crenshaw (2002), serve como ferramenta analítica de compreensão da saúde de mulheres negras composta por uma multiplicidade de fatores mutuamente influentes, que passam por raça, gênero, classe, orientação sexual, habilidades/deficiências, nacionalidade, regionalidade, geração, entre outros.

Em uma revisão de literatura que buscou inspiração para intervenções futuras a partir de um escopo das já realizadas, seria de se esperar que pudéssemos ter atendido a critérios para se medir ou afirmar o sucesso das experiências; no entanto, essa avaliação foi prejudicada pelo fato de os artigos terem temáticas e metodologias muito específicas e variadas, sendo difícil, assim, comparar os trabalhos e seus resultados. Uma característica observada é que os artigos que estão na tradição feminista ou na pedagogia crítica ressaltaram as lições aprendidas; os outros destacaram o desenho rigoroso da pesquisa e recomendaram estudos randomizados e controlados cuja unidade de análise permanece sendo o indivíduo biológico-comportamental.

É possível identificar, por exemplo, resultados individuais para mazelas pontuais. Por exemplo, Andrews e cols. (2007) indicam grande sucesso, pois cerca de 30% das mulheres sustentaram o “parar de fumar”. O resultado que consideram satisfatório é explicado por medidas intermediárias e conquistas individuais, como o aumento do apoio social e da autoeficácia. Cooper e cols. (2015) observaram mudanças nas medidas das mulheres da comunidade religiosa aderidas ao projeto para emagrecer, testemunhos de realização e comprometimento com mudança, influenciados pelo apoio mútuo; para além desses sucessos, apenas ressaltam que grupos comunitários, como as igrejas, podem ser espaços para promoção da saúde individual. Sheppard e cols. (2013) observaram aumento de 70% na eficácia de comunicação entre mulheres com câncer de mama e profissionais de saúde, além de maior autoeficácia pessoal nas suas tomadas de decisão quanto ao tratamento.

Como se pode observar, a maioria dos estudos tem desenho etnográfico ou são ensaios sobre a experiência de intervenção. Muitos narram, em primeira pessoa, a experiência de algumas mulheres negras cuidando de outras. A tradição feminista negra se expressa também na escolha deste tipo de escrita, além de constar nas referências teóricas, como discute Wane (2009). As recomendações insistem na continuidade das intervenções e na atenção às especificidades dos resultados associados às particularidades do contexto e do grupo atendido. De modo geral, abrem mão de pretensões universalistas.

O artigo de Bair (2008) descreve uma experiência histórica, conduzida por Burroughs, de educação para emancipação de mulheres negras, em sintonia com

(possivelmente inspirando) muitas intervenções estadunidenses posteriores. No trabalho das autoras⁶ estadunidenses, assim como em hooks⁷ (2013), encontramos muitas intervenções educativas, pedagogias críticas e voltadas para emancipação, em projetos que intervêm ou pretendem inspirar outras intervenções voltadas para benefícios individuais, ou de determinado segmento social, ou do território onde vivem.

Já no artigo brasileiro, de Oliveira e cols. (2009), o único do Sul global encontrado na revisão, a análise multidimensional se destaca pela ambição de institucionalizar as lições aprendidas, na busca por agenciar outras referências identitárias. Inclui a dimensão programática e institucional das vulnerabilidades ao adoecimento e a necessidade de aprimorar políticas públicas e de estado, para mitigar a vulnerabilidade das mulheres negras ao sofrimento psicossocial resultante de racismo e discriminação. Essa especificidade de pensar políticas públicas e programas também apareceu fortemente nas estratégias reconhecidas no movimento negro e de mulheres negras, coletadas por entrevistas, e que não temos espaço de incluir aqui (ver Prestes, 2018).

Ayres, Paiva e França Júnior (2012) também compreendem o processo saúde-doença como multidimensional, concebendo a vulnerabilidade em suas dimensões individual, social e programática, ou seja, um processo de adoecimento estará mediado por contexto de maior ou menor vulnerabilidade baseado na trajetória individual, nas interações estruturadas socialmente, nas particularidades de cada território ou na qualidade dos programas sustentáveis de mitigação da vulnerabilidade ao adoecimento, entre outros.

A concepção de uma interconexão de fatores está presente também nos artigos com perspectiva teórica inspirada no feminismo negro, como é o caso de Bair (2008), Barlow (2016), Gist (2016), Oliveira e cols. (2009) e Wissman (2011). Um dos principais conceitos dessa perspectiva é a interseccionalidade, que, como defendem Collins (2015, 2009), Cardoso (2012) e Crenshaw (2002), serve como ferramenta analítica de compreensão da saúde de mulheres negras composta por uma multiplicidade de fatores mutuamente influentes, que passam por raça, gênero, classe, orientação sexual, habilidades/deficiências, nacionalidade, regionalidade, geração, entre outros.

A compreensão multidimensional presente nesses estudos soma na direção do enfrentamento da colonialidade de poder que, segundo Santos (2015), não poderá ser rompida com considerações unidimensionais da opressão e da liberdade. É necessário acionar um deslocamento dos centros hegemônicos de poder, pela conjugação de diferentes vozes, discursos, estilos de ação e pensamento, assim como de diferentes estratégias de enfrentamento e superação empenhadas por mulheres negras, como também argumenta hooks (2000).

Nesse sentido, a pesquisa que inspira este texto adotou um desenho metodológico de encruzilhada entre diferentes discursos, tendo a interseccionalidade como ferramenta analítica, como defendido por Cardoso (2012), Collins (2015, 2009) e esta com Bilge (2016), e também como método de ação. Diferentes fontes de conhecimento contribuíram para um panorama de estratégias reconhecidas não apenas no âmbito científico, mas também no campo do movimento negro e de mulheres negras.

A necessidade de descrever essas experiências justificaria não termos restringido o filtro a artigos, e expandir a inclusão para as literaturas denominadas cinzentas, que são textos variados como teses, livros, relatórios, entre outros, onde costumam constar as produções não científicas. Considerando-se apenas a tradição dos protocolos de revisão sistemática de escopo, não ter ampliado para a literatura cinzenta seria um limite da pesquisa. As produções do movimento social foram garantidas, no entanto, nos conteúdos coletados pelas entrevistas com informantes-chave desse campo. E, se ampliássemos para além dos artigos, não atenderíamos ao critério que adotamos para definir o que se pode considerar como reconhecido no campo científico, ou seja, artigos validados por pares, além de termos apenas um tipo de fonte de consulta.

O interessante foi notar que, apesar dessa separação na busca, as experiências do campo científico tinham considerável influência do campo do movimento negro e de mulheres negras, e que as deste último campo, por sua vez, eram todas de pessoas que acumulavam formação militante e acadêmica. Entendemos que essa confluência dos discursos – acadêmico e do movimento social – não é por acaso, pois tanto a amostra de autoras quanto a de entrevistadas foi formada por uma maioria de mulheres negras⁸, as quais, muitas vezes, posicionam-se de forma identitária e politizada em suas práticas

e publicações. O diálogo entre essas duas produções de conhecimento é defendido por Curiel (2007) e Collins e Bilge (2016).

O que pensar do fato de que, na revisão sistemática, dentre as mais de oito centenas de artigos analisados, apenas doze tratavam de estratégias voltadas à saúde de mulheres negras? A grande maioria, ocupava-se das mazelas, doenças e prejuízos vividos por mulheres negras, sem grandes reflexões sobre as causas, sem relatar processos de apoio e fortalecimento e sem derivar propostas práticas voltadas à promoção da saúde.

Racismo e sexismo interseccionados não apenas influenciam essa situação no campo acadêmico, ainda dominado por pesquisadores homens e brancos, mas também são parte significativa das condições sócio-históricas que produzem a maior vulnerabilidade ao adoecimento, invisíveis para os atores principais na produção da ciência. A maior parte dos artigos que lemos, na fase de seleção, apenas se debruçavam sobre a condição das mulheres negras constatando os prejuízos, sem apresentarem um volume significativo de intervenções para mudar essa realidade – embora falassem sobre empoderamento, resiliência, agência, autonomia e emancipação.

Nas centenas de artigos, raça e gênero aparecem como recortes descritivos da população atendida, mas desarticulados de discussões sobre suas especificidades. Raramente aparecem como recortes analíticos que explicam porque as mulheres negras estão super-representadas em amostras de grupos sociais em grande vulnerabilidade ou sem garantia de direitos. Os recortes de gênero e raça praticamente não aparecem também como aspectos para os quais se dedica atenção na formulação das intervenções ou na discussão dos resultados. A ciência, quando não trabalha com os recortes de especificidades, atende ao que se convencionou chamar de neutro, mas que, na verdade, é o hegemônico, enquanto anula as produções de outras fontes de conhecimento, praticando o epistemicídio, como formulam Boaventura de Sousa Santos (2007) e Sueli Carneiro (2011).

No número reduzido de práticas voltadas a processos saudáveis, as autorias são quase sempre de grupos que incluem ou são liderados por mulheres negras, a formular questões de pesquisa, valorizar as demandas, escutar as vozes de outras mulheres negras em seus estudos, e derivar roteiros de promoção da sua saúde. Daí a importância de diversidade na composição das equipes de pesquisa e nos referenciais teóricos.

Santos (2015, p. 161) valoriza a conciliação de diferentes vozes, exemplificada no diálogo entre o feminismo e o pós-colonialismo:

Os estudos pós-coloniais em uma perspectiva feminista revelam um quadro teórico que ilustra as experiências históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das mulheres negras que assumem uma ótica diaspórica, internacional, já que se apoia no estudo das narrativas de mulheres negras imigrantes, residentes, de diferentes partes da África, mas também se apoia no estudo das teorias desenvolvidas por autores que se debruçaram sobre o tema gênero e raça em diferentes países.

A partir destas experiências focalizadas na sabedoria, habilidades e esforços de mulheres negras, Wane definiu os princípios sendo: a organização, o coletivismo, a resistência, o respeito mútuo, a produção de conhecimento, o armazenamento do conhecimento, divulgação da cultura, a reciprocidade, a autodeterminação, resiliência, cuidados com a comunidade, maternagem, fortalecimento mútuo, autoconfiança e espiritualidade.

Para agendas futuras, retomando Prestes (2018), recomendamos pesquisas que se atentem para a interseccionalidade como método de análise e de ação (COLLINS, 2015, 2009; CARDOSO, 2012; CRENSHAW, 2002); que considerem produções teóricas de diversas regiões, como as epistemologias do Sul (SANTOS, 2007), ou as cosmovisões andinas e amazônicas como o bem viver (ALCANTARA, 2017; ACOSTA, 2016; SALAZAR, 2016), em diálogo com demandas específicas (JUREMA; IRACI; CRUZ, 2015), que a saúde de mulheres negras seja assumida amplamente e não apenas pelas próprias.

Importante, também, fortalecer as estratégias de promoção de saúde desenvolvidas por mulheres negras, incluindo as experiências não acadêmicas (HOOKS, 2015), tendo o feminismo negro como estratégico para o enfrentamento das colonialidades de poder (WANE, 2008, 2009). Recomendamos, ainda, diversidade na formação das equipes e nas fontes teóricas, ampliar as publicações de pesquisadoras(es) negras(os), incluindo as produções do movimento negro e de mulheres negras, fomentar publicações sobre o assunto, além de garantir e ampliar as vozes de mulheres negras e a valorização de suas produções intelectuais (HOOKS, 1995), assim como as vozes de autoras(es) amefricanas(os) de modo geral, como diria Gonzalez (RATTS, 2010).

Tabela 1 - Referências dos artigos selecionados na revisão sistemática de escopo

ANDREWS, Jeannette O.; FELTON, Gwen; WEWERS, Mary Ellen; WALLER, Jennifer; TINGEN, Martha. The Effect of a Multi-Component Smoking Cessation Intervention in African American Women Residing in Public Housing. *Research in Nursing & Health*. 30, 45–60; 2007.

BAIR, Sarah D. Educating Black Girls in the Early 20th Century: the pioneering work of nannie helen burroughs (1879–1961). *Theory & Research in Social Education*, 36:1, 9-35; 2008.

BARLOW, Jameta N. #WhenIFellInLoveWithMyself: disrupting the gaze and loving our black womanist self as an act of political warfare. *Meridians: feminism, race, transnationalism*. 15:1: 205-217; 2016.

COOPER, Kami C.; KING, Michalene A.; SARPONG, Daniel F. Tipping the Scales on Obesity: church-based health promotion for african american women. *Journal of Christian Nursing*. 32(1), 41-45; 2015.

DEMARCO, Rosanna F.; LANIER, Latrona R. The Concept of “Silencing the Self” in Low-Income, Aging, HIV-Infected African American Women: a 10-year community-based participatory program of research with results. *Journal Of The Association Of Nurses In Aids Care*. 25: 2, 112-122; 2014.

GIST, Conra D. A Black Feminist Interpretation: reading life, pedagogy, and emilie. *Meridians: feminism, race, transnationalism*. 15:1, 245-289; 2016.

GONZÁLEZ-PRENDES, Antonio. Anger-Control Group Counseling for Women Recovering From Alcohol or Drug Addiction. *Research on Social Work Practice*. 18:6, 616-625; 2008.

NICOL, Donna J. Teaching Analysis and Agency Using Racist and Sexist Imagery: implications for cultural studies in the college classroom. *Feminist Teacher*. 22: 2, 89-107; 2012.

OLIVEIRA, Maria Luísa Pereira de; MENEGHEL, Stela Nazareth; BERNARDES, Jefferson Bernardes. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2): 266-274, 2009.

SHEPPARD, Vanessa B.; WALLINGTON, Sherrie F.; WILLEY, Shawna C.; HAMPTON, Regina M.; LUCAS, W; JENNINGS, Y; HORTON, S.; MUZECK, N.; COCILOVO, C.; ISAACS, C. A Peer-Led Decision Support Intervention Improves Decision Outcomes in Black Women with Breast Cancer. *Journal of Cancer Education*. 28:262–269; 2013.

WHITE, Monica M. Sisters of the Soil: Urban Gardening as Resistance in Detroit *Race/Ethnicity: Multidisciplinary Global Contexts*, 5:1,13-28, 2011.

WISSMAN, Kelly. “Rise Up!”: Literacies, Lived Experiences, and Identities within an In-School “Other Space”. *Research in the Teaching of English*. 45: 4, 2011.

Referências

AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; FRANÇA Júnior, Ivan. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (Org.). *Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde* [Coletânea]. Livro 1: Da doença à cidadania. Curitiba: Juruá, 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Salvador: UFBA, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Programa de Pós- Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. 2nd ed. New Your and London: Routledge, 2009.

_____. Em relação a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015.

_____; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*. Bogotá, p. 92-101, abr. 2007.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Feminist theory: from margin to center*. 2 ed. Cambridge: South End Press, 2000.

_____. *Intelectuais Negras*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995.

_____. *Sisters of the yam: black women and self-recovery*. 3rd ed. New York: Routledge, 2015b.

PRESTES, Clélia R. S. *Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver*. 2018. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências - Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. *Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos*. Santa Catarina: 2010.

SALAZAR, Adriana Rodríguez. *Teoría y práctica del buen vivir: orígenes, debates con-*

ceptuales y conflictos sociales. El caso de Ecuador. 2016. 421 f. Tese (Doutorado) – Universidad del País Vasco. Espanha, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Racismo institucional: uma análise a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais e da ética. *Ensaaios Filosóficos*, v. 11, jul. 2015.

WANE, Njoki. Mapping the field of Indigenous knowledges in anti-colonial discourse: a transformative journey in education. In: *Race Ethnicity and Education*, 11:2, 2008, p. 183-197.

WANE, Njoki. Black Canadian feminist thought: perspectives on equity and diversity in the academy. In: *Race Ethnicity and Education*, 12:1, 2009, p. 65-77.

WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone. *Marcha das mulheres negras*. Fundação Ford, 2015.

Notas

¹ Contribuição das autoras: Prestes realizou a pesquisa de doutorado, que inspirou e sustentou este artigo. Paiva, sua orientadora, contribuiu na concepção do artigo, em todas as etapas. Fachim contribuiu na concepção, na etapa de revisão do texto. Os três coproduziram a revisão de literatura, a reflexão e a revisão sistemática de escopo da pesquisa, necessária para a construção do artigo.

² Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia Social. São Paulo, SP, Brasil. Instituto AMMA Psique e Negritude. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: cleli@usp.br

³ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faculdade de Educação. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: fefachim@gmail.com

⁴ Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia Social. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: veroca@usp.br

⁵ Essa pesquisa (assim como o estágio doutoral) foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁶ A maioria das autorias dos artigos selecionados é de mulheres; o mesmo ocorre com as pessoas entrevistadas. Por isso, adotamos o gênero feminino como neutro na referência às autoras e às entrevistadas.

⁷ A grafia em minúsculas é uma escolha da autora, para defender o destaque ao conteúdo, mais que ao sobrenome de quem escreve.

⁸ Atribuímos às autoras uma classificação racial a partir de imagens disponíveis na internet e de algumas afirmações de pertencimento presentes no conteúdo dos artigos. Sabemos que essa estratégia de consulta a imagens virtuais é passível de erros, e que, politicamente, faz sentido que a classificação seja por auto-declaração, porque envolve não só aspectos estéticos, mas também identitários.